

## **FOLK NURC? UMA PROPOSTA DE ANÁLISE EM LINGUÍSTICA POPULAR**

### **FOLK NURC? A PROPOSAL FOR ANALYSIS IN FOLK LINGUISTICS**

Marcelo Rocha Barros Gonçalves <sup>1</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** Neste texto, pretendemos revelar como os dados populares são recorrentes (e podem ser observados) no Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (doravante Projeto NURC), iniciado no final dos anos 1960 nas cidades brasileiras de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Nossas hipóteses indicam que, apesar de o Projeto NURC não ter coletado dados linguísticos objetivando analisar especificamente as manifestações dos falantes sobre a língua que usam, estas manifestações podem ser verificadas nas mais diversas situações de comunicação: há uma série de comentários realizados pelos (e entre) entrevistados e pesquisadores que podem ser caracterizados como manifestações não especializadas sobre a língua, ou seja, saberes populares sobre práticas e teorias linguísticas. Para tanto, mobilizamos um conjunto teórico ainda em construção no Brasil conhecido como Linguística Popular/*Folk Linguistics* (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, PAVEAU, 2020, GONÇALVES, 2021), centrado no falante comum, aparato no qual não especialistas tecem comentários sobre a sua própria língua (ou sobre a fala de outros membros de uma dada comunidade de fala). Por fim, destacamos a importância das pesquisas desenvolvidas no Brasil no âmbito do Projeto NURC, especialmente se integradas às recentes discussões sobre a Linguística Popular.

**Palavras-chave:** Projeto NURC; Linguística Popular; Pragmática Popular.

**Abstract:** The aim of this paper is to reveal how folk data are recurrent (and can be observed) in the Norma Urbana Culta (NURC) Project, started in the late 1960s in the Brazilian cities of Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo and Porto Alegre. Our hypotheses indicate that, although the NURC Project has not collected linguistic data aiming specifically to analyze the manifestations of the speakers about the language they use, these manifestations can be verified in the most diverse communication situations: there are a series of comments made by (and between to) interviewees and researchers who can be characterized as non-specialized manifestations about language, that is, folk knowledge about linguistic practices and theories. Therefore, we mobilized a theoretical set still under construction in Brazil known as Folk Linguistics (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, PAVEAU, 2020, GONÇALVES, 2021), centered on the common speaker, in which non-specialists comment on their own language (or about the speech of other members of a given speech community). Finally, we highlight the importance of research carried out in Brazil within the scope of the NURC Project, especially if integrated with recent discussions on Folk Linguistics.

**Keywords:** NURC Project; Folk Linguistics; Folk Pragmatics.

---

<sup>1</sup> Professor Associado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E mail: marcelo.barros@ufms.br.

## Introdução

Grandes bases de dados ou conjuntos de documentos (*corpus/corpora*) têm sido recolhida(o)s no âmbito das Ciências da Linguagem para descrição dos mais diversos estudos linguísticos no Brasil e no mundo, a ponto de se constituir como uma área ou campo de estudos específicos na Linguística contemporânea que ficou conhecida como *Linguística de Corpus*<sup>2</sup>. Dentre os principais conjuntos brasileiros, ainda que não tenham sido criados especificamente sob o guarda-chuva da *Linguística de Corpus*, destacamos o banco de dados do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (Projeto NURC<sup>3</sup>), o *Corpus Tycho Brahe*<sup>4</sup> e o banco de textos do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR<sup>5</sup>). Esses e outros grandes projetos da linguística praticada no Brasil, nos diferenciam (jabuti)cabalmente de outras linguísticas mundo a fora, no entendimento de Castilho (2009).

Neste texto, longe de analisar exaustivamente ocorrências de tal ou qual fenômeno linguístico do Português brasileiro em determinado conjunto de documentos ou quiçá realizar um *review*<sup>6</sup> da própria disciplina/área *Linguística de Corpus*, pretendemos revelar, como sugere o próprio título deste trabalho, como os dados populares são recorrentes (e podem ser observados) no Projeto NURC<sup>7</sup>. Para tanto, mobilizamos um conjunto teórico ainda em construção no Brasil conhecido como Linguística Popular (GONÇALVES, 2021), centrado no falante comum, no qual não especialistas tecem comentários sobre a sua própria língua (ou sobre a fala de outros membros de uma dada comunidade de fala).

Nossas hipóteses indicam que, apesar de o Projeto NURC não ter coletado dados linguísticos objetivando analisar especificamente as manifestações dos falantes sobre a língua que usam, estas manifestações podem ser verificadas nas mais diversas situações de comunicação nos documentos disponíveis. Em outras palavras, há uma série de comentários realizados pelos (e entre) entrevistados e pesquisadores que podem ser caracterizados como manifestações não especializadas sobre a língua, ou seja, saberes populares sobre práticas e teorias linguísticas.

---

<sup>2</sup> Para uma história (e problematização) sobre a *Linguística de Corpus* ver Sardinha (2000).

<sup>3</sup> Uma história do Projeto NURC pode ser vista em <https://nurc.fflch.usp.br/o-nurc-brasil-origens> (acesso em 30/08/2021).

<sup>4</sup> Ver <http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/> (acesso em 30/08/2021).

<sup>5</sup> Ver <https://www.prohpor.org/> (acesso em 30/08/2021).

<sup>6</sup> Mantivemos o termo no original em inglês para marcar o tipo de texto em questão (a crítica).

<sup>7</sup> Sobre a história do Projeto NURC ver Oliveira Jr. (2019) e Castilho (2021);

Para melhor desenvolvimento de nossos escólios, estruturamos o presente texto conforme o seguinte roteiro: uma breve apresentação dos estudos em Linguística popular e alguns comentários sobre algumas ocorrências de dados *folk* no *corpus* do NURC. Nossas considerações podem contribuir e provocar, em certa medida, uma discussão pertinente para uma teoria geral nas ciências da linguagem no Brasil.

## 1. Linguística Popular (*Folk Linguistics*)

Na Linguística pós-saussuriana (DE SAUSSURE, 2008), a Linguística Popular tem fincadas suas raízes iniciais a partir do trabalho inspirador de Hoenigswald (1966 [2015]) *A proposal for the study of folk-linguistics*. Henry Max Hoenigswald (1915-2003) foi professor emérito na Universidade da Pennsylvania, nos Estados Unidos e há, além de uma boa e dedicada memória biográfica ao autor feita por Cardona (2006), uma entrevista concedida por ele no ano de 1995 ao historiógrafo da Linguística Pierre Swiggers (1997).

O texto inaugural em Linguística Popular com o qual trabalhamos é, na verdade, a apresentação de Hoenigswald (2015)<sup>8</sup> à Conferência de Sociolinguística na *University of California* (UCLA), em 1964, incluindo os questionamentos, sugestões e discussões de outros colegas linguistas contemporâneos como Dell Hymes, Einar Haugen, Charles Ferguson, Willian Samarin e Labov, dentre outros.

A base teórica da Linguística Popular se assenta sobre a concepção de que saberes linguísticos podem ser produzidos por não especialistas no ato de linguagem, em oposição ou não ao conhecimento científico produzido pelos profissionais treinados. Isto implica reconhecer que falantes comuns não só têm a dizer alguma coisa sobre língua e linguagem, mas que realmente o fazem inclusive em termos teóricos. Na perspectiva de Niedzielski; Preston (2021, p. 13): “A Linguística Popular (LP) tem como objetivo descobrir e analisar crenças e atitudes em relação à linguagem em todos os níveis de produção linguística, percepção e incorporação cognitiva, coletando e examinando comentários abertos sobre ela por não linguistas”.

Os mesmos autores (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003), na primeira parte do *Folk*

---

<sup>8</sup> A versão em português dessa conferência foi publicada num capítulo que abre o E book *Linguística popular/Folk linguistics: saberes linguísticos de meia tigela?*, organizado por Baronas, R. L.; CONTI, T. C. B. e GONÇALVES, M. R. B. a ser disponibilizado gratuitamente pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ainda em 2021.



Se apreciarmos o valor da LP em geral, deve ser direto sugerir que vale a pena fazê-lo em todos os níveis linguísticos e de todos os pontos de vista de pesquisa. Isto é, assim como existe a fonologia, a sintaxe e a semântica popular, existe a pragmática popular. [...] Se alguém tiver uma visão ampla da pragmática, que inclui conversação e organização de texto, bem como as várias práticas comunicativas, como polidez e estratégias de deferência, como fazemos, então há pouca dúvida de que os domínios dessas áreas em um “são vários e complexos”, ainda mais pelo reconhecimento de que a competência pragmática inclui habilidades receptivas e produtivas. (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 17).

Mas há também, como indica Paveau (2020), outras geografias e abordagens para o dado popular, ou seja, para as manifestações de falantes comuns sobre a língua que usam. No contexto francês/francófono<sup>10</sup>, Paveau (2020, p. 19) parte de um eventual paradoxo, considerando as diferentes acepções do termo popular e suas relações correlatas (ordinário, trivial, espontâneo...), que consiste em indagar quais objetos e práticas podem ser considerados como pertinentes aos estudos populares. Dito de outra forma, “[o] paradoxo se configura se nos propomos a considerar a linguística popular como uma estrutura para unificar os objetos e abordagens mencionadas até agora, centrada em torno do conceito de *prática*” (PAVEAU, 2020, p. 19, grifo da autora).

A partir das definições do que se configura como popular, a metáfora inicialmente proposta por Achard-Bayle e Paveau (2008) se desdobra especialmente a partir do ambiente religioso ocidental, ambiente no qual se desenvolviam na Idade Média os conhecimentos especializados em oposição aos saberes popular. Daí decorre uma linguística realizada fora do templo, portanto profana.

Trabalhos mais recentes em linguística como de Antos (2011) e Doury (2008) no contexto da retórica e da argumentação populares, de Paveau (2020), de Baronas; Conti (2019), Baronas (2021a, 2021b e 2021c) e Gonçalves (2021) num contexto discursivo evidenciam que a área de estudos em Linguística Popular tem permitido análises das mais variadas e abordagens pertinentes às muitas formulações de teorias espontâneas e ordinárias sobre a linguagem.

## **2. O projeto da norma urbana culta (NURC): ocorrências populares**

---

<sup>10</sup> Paveau (2020, p. 18) destaca ainda duas linhas de investigação no ambiente francês “atravessadas pelas questões da linguística popular”: “o vasto domínio do estudo do “meta” e os trabalhos coligidos sob o selo das “atitudes linguísticas”.

Nesta seção iremos apresentar algumas ocorrências de manifestações populares sobre a língua portuguesa verificadas no corpus do Projeto NURC do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Faremos a indicação dos metadados do inquérito e, sequencialmente, o recorte do trecho para nossos comentários. Ressaltamos que toda a investigação se deu sem utilização de nenhuma ferramenta computacional e para este artigo selecionamos os trechos dos inquéritos que poderiam ser inscritos dentro de uma pragmática popular (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 18), ou seja, dados linguísticos de falantes comuns considerados como reações conscientes à língua/linguagem e que revelam algumas de suas estratégias comunicativas (pragmáticas).

O primeiro conjunto de declarações trata-se de um diálogo entre dois informantes (D2) em 1973, pertencentes ao inquérito 147 sobre o tema “Vida Social, Diversões. A Cidade. O Comércio”. O registro de aproximadamente 1 hora de duração é relativo ao diálogo entre dois (inter)locutores (L1 e L2), ambos da mesma idade, com formação universitária e do sexo feminino, também residentes na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Neste primeiro conjunto de declarações, destacamos a percepção que L1 tem sobre as características de sua própria fala, ou seja, sobre propriedades, às vezes atinentes à própria qualidade de sua voz, que ela tem de si mesmo enquanto falante e membro de uma determinada comunidade linguística. Vejamos o que ocorre ao encerramento do diálogo (grifos nossos):

**L1:** ah... mas consumo... necessidade de consumo "biscuit"... é a massificação minha filha enfim... é massificação... eu estou sentindo tão mal com isso agora... quero até registrar ali que eu estou rouca... que eu não tenho essa voz horrorosa... registrar aqui né?...  
**L2:** está bom e todo mundo já sabe...

Anteriormente, em outras duas oportunidades, podemos verificar como as interlocutoras destacam características que dizem respeito às suas posturas comunicativas, como a utilização de algumas expressões, e sobre a maneira como interagem no ato de comunicação, indicando suas próprias percepções sobre a fala (grifos nossos):

**L2:** bom eh... está bom... eu acho ... pri/... primeiro lugar o bairro... acho um bairro espetacular... e acho que quem mora em Copacabana deseja à beça morar lá... bom...

<sup>11</sup> Utilizamos aqui os dados disponíveis em <https://nurcrj.letas.ufrj.br/>.

já estou entrando aqui no à be/ à... hein? agora e... quanto às pessoas que moram lá... eu tenho a impressão que não são diferentes das outras que moram noutra bairro... só QUE... em vista do local eh... das possibilidades e... eh... e... do... do meio de... maior comunicação que parece que existe lá... diversão e tal... deixa assim elas mais à vontade mais... mais dadas... comunicativas isso... fazendo uma diferença entre as pessoas dos outros bairros né... agora... em relação ao pessoal que mora em Copacabana... eu sou bairrista hein sou bairrista... mas acho que... se comportam quase que da mesma maneira... só que... a evolução natural eh... transportar... a cidade se transporta sempre pra outro lugar outros... pra outros bairros né... quer dizer... bairros se transportam pra outros bairros... e que... dão mais condição de vida... de calma... tranquilidade... e vai... vai por aí... é por aí... agora o pessoal é legal... comunicativo...

**L1:** mas eu estou acostumada a ( ) estou acostumada... eu gosto de falar... ( ) na faculdade --eu estudava na Faculdade Nacional-- a maioria das pessoas morava no subúrbio --então eu tenho esse jeito mesmo de falar-- eu me expesso muito com as mãos... com o corpo né? de um modo geral... e tenho essa mania... falo gíria e tal... esse meu modo de falar depressa...

O segundo conjunto de declarações trata-se de um recontato ocorrido no Rio de Janeiro na década de 1990 (29 de junho de 1992), um diálogo entre um informante e o documentador (DID). Sobre o tema “Vida Social e Diversões”, o informante masculino (LOC.) de 59 anos interage com o pesquisador/documentador (DOC.), que orienta diretamente os rumos da conversa:

**DOC.** - É, bem, então vamos de, mudando um pouquinho, vamos falar por exemplo de formas, de tratamento, como é que é, ... o senhor falar como é que são as formas de tratamento na sua área, comparando com o trabalho, com os amigos, como é que o senhor, ... fórmulas mesmo ... como é que o senhor, quando o senhor tá conversando com a sua esposa, como é a forma de tratamento.

**LOC.** - Ah, isso é o mais íntimo possível né, é a mais, não só, com a esposa como com meus filhos também, né. Nós temos um, relacionamento uma maneira de tratar muito, muito, normal, sem, criar, probleminhas, que à vezes a pessoa trata, exige-se um pouco de respeito mas, o tratamento é, bem normal. Agora fórmula o que que você quer dizer com fórmula, é, se a pessoa me trata de senhor, ainda como o, feudo, não, não tem nada disso, lá, é tudo democrático, se é essa, e o tipo do trabalho também,

**DOC.** - Aqui também é.

**LOC.** - É, embora eu, dirija a Secretaria, eu, tenha, essa responsabilidade, eu mantenho uma forma, uma maneira de tratar muito, cordial, entre os meus funcionários, não é nada, é melhor sabe com respeito, mas, cordial.

**DOC.** - E, em que outras situações ...

**LOC.** - É sempre muito difícil, a situação mais formal é quando você tem que tratar, com pessoas que hierarquicamente estão, acima, né. Então, se eu vou falar com o senador, vou, se eu vou conversar com o Governador eu tenho que tratar de uma forma, Vossa Excelência e tal, mas assim mesmo, com o Governador do Estado com o Vice-Governador. Com o Senador Darci Ribeiro eu trato de você mesmo, porque são trinta anos de convivência a gente, vai acostumando, não tem, é bem normal, e ele também faz por onde, tratar dessa forma, a todos que trabalham com ele.

**DOC.** - E, bem, mas, é, normalmente, como é que, normalmente, não só em relação ao senhor na maneira como se relaciona com a sua família com ... o senhor vê, as pessoas se relacionarem, pessoas de mesma idade...

**LOC.** - É, é, lá em casa meus filhos me chamam de você. Eu não vejo nada demais, claro, que, há uma, diferença, mas isso é questão de geração. A época em que eu tinha pais a gente, tratava com aquela reverência o senhor pra cá o senhor pra lá

senhora pra lá e tal, mas, isso vai passando, isso vai mudando de geração a geração.

**DOC.** - Hoje em dia acho que nem mais de pai e mãe chamam.

**LOC.** - Não, nem pai e nem mãe, é, não, mas lá em casa ainda me chamam de meu pai, minha mãe, paizão daqui né, de qualquer forma, bem bem democrática, não há essa maneira de tratar com essas reverências e tal [ ? ] isso aí não. Não chegamos a tanto né.

**DOC.** - E, bem, como é que o senhor vê por exemplo as formas de tratamento utilizado entre pessoas de classes sociais diferentes? O senhor acha que há um modo diferente de se ...

**LOC.** - Há, há, modos diferentes. Aqui mesmo, embora eu seja uma pessoa, bem aberta, no que diz respeito a, tratamento eu tenho alguns funcionários que, sempre botam um doutor pra cá, né, ou senhor pra lá, embora eu dê oportunidade que me chame de Mário Celso, mesmo, claro, desde que respeite e tenha, saiba o dever dele, as obrigações, eu acho que nada impede descentralizar ao máximo, sabendo que cada um é responsável, pela sua área mas, alguns ainda, mantêm, chega a secretária, vai me chamar Dr. Mário, chega o outro, você acabou de ver [ ? ] Dr. Mário preciso de mais alguma coisa, e tal, caso aí, nessa, isso são diversas chamadas eu tenho aqui contínuos, eu tenho aqui, vigilantes, eu tenho, né, o pessoal do material, que toma conta da conservação do prédio, como também tenho contador, eu tenho administradores, então são, diversas, camadas sociais.

**DOC.** - [ ? ]

**LOC.** - Há, é, é tudo de hierarquia, ah isso é.

Nosso primeiro destaque sobre a interação acima diz respeito à própria estratégia do documentador (pesquisador), em plena sintonia com as aspirações de pesquisa em Linguística Popular. Conforme Niedzielski; Preston (2021, p. 13):

Em geral, os entrevistados são apresentados e/ou encorajados a discutir ou responder a áreas de preocupação com a linguagem que expõem não apenas suas noções tradicionais pré-empacotadas, mas também os processos que governam seu pensamento. Dessa perspectiva, a crença popular sobre a linguagem é um processo dinâmico que permite que não especialistas (ou seja, pessoas sem treinamento formal em linguística) expressem sua compreensão de seu ambiente linguístico (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 13)

O interesse do pesquisador/documentador é claro e se repete durante todo trecho do diálogo, revelando a sua intenção de ver o locutor se manifestar sobre as formas de tratamento, em ambientes formais ou familiares, ou mesmo numa oposição geracional, temporal e de indivíduos de classes sociais distintas. O que presenciamos neste caso, certamente, é um conjunto de crenças populares do locutor sobre o uso das formas de tratamento, mesmo que desviada da nomenclatura gramatical corrente, qual seja, dos pronomes de tratamento<sup>12</sup>.

Para Bagno (2017, p.451): “No estudo das formas de tratamento, os pronomes pessoais têm sido objeto de investigação, na medida em que são as formas linguísticas mais características para indicar as diferenças de status entre interlocutores numa

<sup>12</sup> Para Bechara (2009, p. 165): “*formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento*” (grifos do autor).



interação verbal”. E complementa: “A diferenciação de *status* é independente do pertencimento a uma **classe social**, porque este é motivado por critérios econômicos, enquanto o status dos grupos pode se constituir atravessando as fronteiras das classes” (BAGNO, 2017, p. 447).

Mesmo que o documentador aponte para contextos distintos de utilização das formas de tratamento (trabalho x casa, classes sociais diferentes, por exemplo) a principal tese do locutor é de que seu uso é regulado mais por questões que envolvem a intimidade entre os falantes do que propriamente por questões das diferentes classes sociais. Em outras palavras, a crença do interlocutor pode ser assim resumida: o que regula a utilização das formas dos pronomes de tratamento depende mais da relação entre os indivíduos (situação mais ou menos formal – diafásica) do que as suas classes sociais propriamente ditas (uma variação diastrática, portanto).

Por último, aproveitamos para destacar o embate metalinguístico que se trava entre o pesquisador e o entrevistado a cerca do termo “fórmula” (“Agora fórmula o que que você quer dizer com fórmula?”).

### **Considerações Finais**

Em primeiro lugar é necessário jogar luz sobre a importância do Projeto NURC, sem nenhuma escala de valor ou juízo, não apenas como uma grande base de dados linguísticos no país, mas quem sabe como um dos mais importantes constituintes da própria Linguística Brasileira. Suas contribuições à linguística nacional são irretocáveis, a despeito das considerações que traçamos neste texto sobre a ausência de análises de manifestações populares nos mais variados ambientes de pesquisa nos quais seus mais variados arquivos permitiram produzir.

É preciso reconhecer, contudo, que o acesso ao vasto número de dados é dificultado por algumas razões, dentre as quais destacamos a descentralização do corpus pelos seus respectivos núcleos/cidades e pela ausência de tratamento de dados para buscas com ferramentas mais modernas, especialmente as advindas da computação. Ainda que uma série de produtos científicos esteja disponível para consulta e investigação (especialmente publicações acadêmicas), a procura por dados da ordem do popular requer ainda o empenho do pesquisador na leitura de um número consideravelmente alto de inquéritos, registros, de gravações...

Como aponta Oliveira Jr no sítio do Projeto Nurc Digital<sup>13</sup>:

A maior parte desses trabalhos desconsideravam o registro de áudio, baseando-se exclusivamente em transcrições dos mesmos. Essa não era, evidentemente, uma opção dos estudiosos. Tratava-se de uma questão de dificuldade de acesso aos dados gravados. Todas as gravações feitas pelo Projeto NURC utilizaram, como meio, fitas magnéticas de rolo, que, se por um lado garantia a qualidade das gravações, por outro dificultava o acesso às mesmas, uma vez que reprodutores de fita de rolo eram equipamentos caros e pouco comuns.

Uma outra dificuldade que a utilização do material do Projeto NURC apresentava aos estudiosos era a não disponibilização dos dados transcritos em formato digital. Assim, o processo de análise a partir dos textos publicados em formato impresso era necessariamente demorado e eventualmente falho, uma vez que não se podia contar com buscas automatizadas de fenômenos linguísticos particulares.

Serão bem vindas, neste sentido, outras iniciativas como as do Projeto NURC Digital (Recife) (OLIVEIRA Jr, 2016), a partir das quais as bases de dados poderão oferecer aos investigadores sistemas automatizados de busca.

Por fim, destacamos a presença de uma quantidade considerável de comentários sobre língua e linguagem realizados pelos entrevistadores, mas, sobretudo, pelos entrevistados, ou seja, falantes comuns, não especialistas que, como vimos, à luz dos trabalhos da Linguística Popular, podem integrar as atividades de pesquisa de base científica e acadêmica da Linguística. Neste texto, em especial, destacamos manifestações de falantes comuns dentro de um campo específico de estudos, nomeado como Pragmática Popular, na qual a própria situação comunicativa é posta em xeque pelos interlocutores, revelando por fim, suas crenças e atitudes sobre a língua.

## Referências

ACHARD-BAYLE, G.; PAVEAU, M. Présentation. La linguistique «hors du temple». Pratiques. Linguistique, littérature, didactique, n. 139-140, p. 3-16, 2008.

ANTOS, G. *Laien-Linguistik*. De Gruyter, 2011.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. Parábola, 2017.

BARONAS, R. *O amargo da língua de Bolsonaro: discurso e linguística popular*. Grácio Editor: Portugal, 2021.

BARONAS, R.; CONTI, T. Notas sobre a possibilidade de um trabalho no carrefour epistemológico entre a linguística popular e os estudos do discurso. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 4, p. 4285-4294, 2019.

<sup>13</sup> Ver <https://fale.ufal.br/projeto/nurcdigital/> (acesso em 31/08/2021).

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Editora Nova Fronteira & Editora Lucerna, 2009.
- BRUNELLI, Anna. Flora. (et al). *GEL: 40 anos de história na linguística brasileira*. São Paulo, SP: Paulistana, 2009.
- CARDONA, G. *Henry Hoenigswald*. Biographical Memoirs: Volume 89, v. 89, p. 181, 2008.
- CASTILHO, A. T. DE. Gramática do Português Brasileiro: fundamentos, perspectivas. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 01-17, 26 Apr. 2021.
- DE SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Editora Cultrix, 2008.
- DOURY, M. «Ce n'est pas un argument!» Sur quelques aspects des théorisations spontanées de l'argumentation. *Pratiques*. Linguistique, littérature, didactique, n. 139-140, p. 111-128, 2008.
- GONÇALVES, M. On Mario de Andrade's Folk Linguistics. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. e490, 27 Aug. 2021.
- HOENIGSWALD, H. M. *A proposal for the study of folk-linguistics*. In: Sociolinguistics. De Gruyter Mouton, 2015.
- NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. *Folk linguistics*. Walter de Gruyter, 2003.
- NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. Pragmática Popular. In: BARONAS, R.; GONÇALVES, M.; SANTOS, J. (org.). *Linguística popular: contribuições às ciências da linguagem*. Araraquara: Letraria, 2021.
- OLIVEIRA Jr., M. NURC Digital: Um protocolo para a digitalização, anotação, arquivamento e disseminação do material do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC). *CHIMERA: Romance Corpora and Linguistic Studies*, v. 3, p. 149-174, 2016.
- OLIVEIRA Jr., M. (org.) *NURC – 50 anos (1969-2019)*. Editora: Parábola Editorial, 2019.
- PAVEAU, M. *Linguística folk: uma introdução*. BARONAS, R.; CONTI, T.; COSTA, J. (Org.). Araraquara: Letraria, 2020.
- SARDINHA, T. B. Linguística de corpus: histórico e problemática. *Delta: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, v. 16, p. 323-367, 2000.
- SWIGGERS, P. *Languages, Language History, and the History of Linguistics: From Structure to Transformation, Between Europe and America. An interview with Henry Hoenigswald*. Orbis Supplementa, Louvain-Paris, Peeters, p. 41–59, 1997.